

O SAGRADO E O PROFANO SOB AS LENTES DA TV PÚBLICA NA FESTA DO BOMFIM

Flávia Maciel Paulo dos Anjosⁱ
Genivalda Cândido da Silvaⁱⁱ

Religião e Sincretismo

Difícil falar em identidade religiosa em um país com território tão extenso e cidadãos tão diversos, como o Brasil. A miscigenação entre indígenas, portugueses e africanos e, posteriormente, a imigração de tantos outros povos, influenciou não só na construção de diferentes identidades culturais, mas também de uma religiosidade híbrida. O sincretismo religioso, durante anos, caracterizou o povo brasileiro e, mais precisamente, o povo baiano, ajudando, de certa forma, na manutenção de determinados cultos religiosos tradicionais ao longo dos séculos.

Nesta pesquisa, partiremos da análise de duas produções audiovisuais da TV Olhos d'água, a TV da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), sobre a devoção ao senhor do Bomfim, objetivando levantar a discussão sobre o conceito de TV Pública e como esse veículo de comunicação pode se tornar facilitador do conhecimento crítico por parte das comunidades e indivíduos com relação ao seu Patrimônio Cultural.

A devoção ao Senhor do Bomfim foi iniciada no Estado da Bahia com a vinda do Capitão Teodósio Rodrigues de Farias que, após passar por uma tormenta no mar com a nau em que viajava, conclamou a ajuda ao Bom Jesus de Setúbal de Portugal e, ao chegar vivo na cidade de Salvador, pagou a promessa iniciando a construção de uma igreja em um local alto aonde, ainda nos dias atuais, as pessoas que chegam à capital baiana pela Baía de Todos os Santos pode avistá-la (CARVALHO, 1914. p.09).

A réplica da representação do santo existente em Setúbal (Portugal) foi trazida para Bahia em 18 de abril de 1745 e abrigada na Igreja da Penha, localizada no bairro da Ribeira. As obras de construção da Igreja do Senhor do Bomfim foram iniciadas em 1746, em 1754, com a finalização da construção da parte interna da igreja, a imagem foi transferida para o santuário em procissão, sendo celebrada uma missa solene em agradecimento e, em 1772, as obras foram totalmente concluídas (CARVALHO FILHO, 1923).

Por ter sido construída como forma do pagamento da promessa feita por Teodósio de Farias ao Bom Jesus de Setúbal de Portugal, a Basílica do Bomfim, é considerada um objeto ex-votivo. Em estilo neoclássico, a igreja abriga em seu interior azulejos

portugueses, painéis do artista baiano José Teófilo de Jesus e diversos objetos ex-votivos, como fotos, diplomas, réplicas de casas em miniatura, objetos pessoais e partes do corpo entalhadas em cera e madeira, que estão expostas na sala de milagre e no Museu dos Ex-Votos.

Tradição e a Folkcomunicação no Santuário do Bomfim

Durante séculos o cristianismo, principalmente o catolicismo e as manifestações religiosas afro-brasileiras, constituíram o filão mais tradicional da história religiosa do país. O sincretismo entre essas duas religiões está fortemente marcado na Lavagem do Bomfim, festa tradicional do calendário religioso dos soteropolitanos.

Essa tradição foi iniciada em 1773, quando integrantes da Irmandade dos Devotos Leigos obrigaram os escravos a lavarem a igreja, como parte dos preparativos para a festa do Senhor do Bomfim, que ocorreria no segundo domingo de janeiro, após o dia de Reis. Com o passar dos anos, aqueles escravos, adeptos do candomblé, começaram associar o santo católico com Oxalá, orixá criador do mundo e das pessoas. Mulheres, descendentes de escravos africanos, denominadas popularmente como baianas, iniciaram o tradicional cortejo que, ano após ano, sai da Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia, localizada no bairro do Comércio, seguindo a pé o percurso de oito quilômetros até Igreja do Bomfim onde, ainda nos dias atuais, repetem a tradicional lavagem das escadarias da igreja com suas vassouras e água de cheiro.

Brandão (2004), em seu artigo *Fronteira da fé: alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje*, destaca que as tradições religiosas populares, muitas vezes associadas às culturas afrobrasileiras, são consideradas por membros de outras tradições religiosas como formas demoníacas de perversão do sagrado. Este *desvio do sentido cristão da fé*, associado à necessidade de resguardar a área interna da Igreja do Bomfim da ação de vândalos presentes no festejo popular, fez com que a Arquidiocese de Salvador proibisse o acesso dos peregrinos à área interna do templo no dia da lavagem, mantendo as portas da igreja fechadas, ficando as baianas autorizadas a despejar a água apenas nos degraus e no adro.

No interior mesmo do círculo dos católicos, adeptos e dirigentes fervorosos da RCC [Renovação carismática Católica] limitam o seu diálogo com “irmãos de fé” de outras “linhas”. Com bastante menos ênfase e maior tolerância do que os pentecostais evangélicos, eles se reconhecem, no entanto, como uma frente profética, carismática e

definitivamente renovadora de toda a catolicidade. Eles retomam e reacendem na Igreja o “fogo e as luzes do poder do Espírito Santo”. (BRANDÃO, 2004, p. 275).

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que, entre os anos de 1980 e 1999, o número de pessoas que se declararam católicas caiu gradativamente de 88% para 73%, fazendo com que relações já tradicionais entre política e religião mudassem e aumentasse a diversidade de manifestações e rituais nos espaços públicos, nas ruas e meios de comunicação de massa. Apesar do declínio dessa religião, apontado no censo de 2000, muitos cultos tradicionais vêm sendo manifestados, perpetuados e, porque não dizer, no caso do Estado da Bahia, festejados ainda nos dias atuais.

Por tratar-se do momento em que as manifestações culturais e simbólicas estão mais explícitas, a Lavagem do Bomfim tornou-se um marco importante na valorização do Santuário, que passou a ser entendido como elemento de consolidação de identidade coletiva do povo baiano, visto que sua festa reúne não apenas católicos, mas também representantes de diversas religiões, artistas, políticos, movimentos sociais e turistas que participam, na segunda quinta-feira do mês de janeiro, de um culto ecumênico realizado na frente da Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Praia, de onde seguem em cortejo para a Basílica do Bomfim vestidos de branco, cor associada ao orixá Oxalá e à paz;

Roger Chartier trata a culturaⁱⁱⁱ e a manifestação popular como uma categoria erudita, um sistema simbólico coerente e autônomo, que funciona segundo uma lógica absolutamente alheia e irreduzível à da cultura letrada. (CHARTIER, 1995. p. 179).

As imagens de comunicação de massa, principalmente as encontradas em santuários, muitas vezes trazem consigo elementos caracterizadores da folkcomunicação. Esses elementos são representados por objetos, como os ex-votos depositados na sala de milagres da Igreja do Bomfim, simbolizando a ligação entre o homem e o divino. A exemplo podemos citar quadros pintados pelos “riscadores de milagres”, ex-votos escultóricos, os tradicionais feitos em parafinas, roupas de recém-nascidos, mais comuns, mas não menos importantes fotografias, inusitado *mioma in vitro*, aparelhos ortopédicos e coletes serviciais, dentre tantos outros.

A preservação da memória é realizada na frente do santuário do Bomfim diariamente, pois no local é realizado há tempos o processo que Marques de Melo chama de Comunicação dos Pagadores de Promessas (2005), que passa pela fase de obtenção do

objeto, segue o processo linear aos “comunicadores” que, ao adentrarem o local sagrado, depositam o objeto e seguem assim a comunicação direta para os “receptores”, que são os romeiros visitantes ou turistas que lotam o santuário nos dias festivos, ou apenas realizam visitas turísticas no decorrer do ano. Melo cita ainda que, para a comunicação possa ser completa, a sala de ex-votos ou mostruário (que seria o meio de comunicação receptor - comunicador - promessa - divino), onde as peças são organizadas, não deveria ter ordem ou critérios específicos, não necessitaria de tal intervenção, provocando ruídos nas comunicações possíveis, pois os efeitos provocados pelos ex-votos na sociedade, sobretudo na identificação das funções socioculturais e sua ação retroalimentadora de fluxos devocional ou propriamente dito (comunicação de retorno), é o que chamamos de sistema de folkcomunicação ou a memória social.

Além da gratidão, o ex-voto constitui uma fonte de informação em si mesma e, quando considerado como um objeto comunicativo, é importante ressaltar a necessidade de estudar o contexto onde o mesmo está inserido para que não aconteça uma perda de significados, mas sim uma reapropriação e resignificação cultural.

Para os gregos, a palavra memória, proveniente do grego “*mnemis*” e do latim “*memória*”, vem cerceada de um apelo divino, visto que se refere à deusa Mnemósyne, mãe das musas, entidades sagradas que protegiam as artes, a ciência e a história”. (SUANO; 1986. p. 112).

Michael Foucault (1999) cita que assimilar formas a conteúdos, juntamente com análise religiosa, é algo realizado desde a Grécia antiga. Ele destaca que, em certo ponto, a linguagem é feita de sistemas de sinais, que os indivíduos escolheram primeiramente para si próprios. Para ele, a memória não está só no homem, mas nas coisas que o cercam, pois o material guarda o imaterial, as lembranças as histórias e as coisas, mais precisamente o imaterial preservado no material.

Segundo Marilena Chauí (2005, p. 138), enquanto a lembrança apenas conserva aquilo que se foi e não retornará jamais, “a memória é uma evocação do passado, uma capacidade humana para reter e guardar o tempo que se foi salvando-o da perda total”. Sendo assim, podemos atribuir à memória a condição de patrimônio, visto que ela assume diferentes categorias, quer seja como memória autobiográfica, memória cognitiva, memória histórica ou memória hábito, por exemplo. Cada uma traz contribuições em particular: seja numa perspectiva psicológica, social ou pessoal.

Durante anos o patrimônio foi tratado como “de pedra e cal” e, quando se falava em cultura e identidade, pensava-se em manifestações artísticas consagradas como “belas artes”. As manifestações populares, como as rodas de capoeira, grupos de dança e de música, que se fazem presentes no do Bomfim, eram excluídas do imaginário e da vida sociocultural. Nas últimas décadas, devido a vários fatores, inclusive uma postura da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) desde o pós Segunda Guerra Mundial, as manifestações populares e os patrimônios imateriais passaram a ser valorizados, difundidos e até mesmo incentivados, tornando-se partes integrantes da vida dos brasileiros e estimulando a construção da memória social ampla, com vistas a uma possível democracia cultural.

A partir de 1980 o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) incorporou ao conceito de patrimônio, além dos bens materiais, bens de origem popular, saberes e fazeres e, mais recentemente, o patrimônio imaterial, como as festas, danças, culinária e manifestações religiosas, dando, assim, um outro sentido aos demais bens tão importantes e que, até então, não eram reconhecidos como tal. Isso fez com que o conceito de patrimônio fosse alterado ao longo dos anos. A Constituição Federal de 1988 (BRASIL, 1988), em seu artigo 216, define como patrimônio cultural brasileiro, os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: as formas de expressão; os modos de criar, fazer e viver; as criações científicas, artísticas, e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artísticas culturais; bem como os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. Essa definição extrapola a ideia de que o patrimônio está restrito à transmissão de bens e heranças de pai para filho. Com a evolução do conceito de patrimônio, podemos dizer que hoje ele é composto por três elementos básicos que envolvem o caráter material e imaterial, o meio ambiente e o conjunto de bens culturais, de bens acumulados e elaborados pelo homem e que nos permitem perceber o patrimônio como um produto da capacidade humana de criar, refletir e transformar a realidade.

Cada memória individual se apresenta como um alicerce sobre a memória coletiva, que muda de acordo com o contexto atual. Esse contexto também poderá ser modificado a depender das relações que mantemos com outros meios. As mudanças, além de atestarem o caráter coletivo da memória, nos remete a percepção do seu lado social, visto que ela se

relaciona com o conjunto de noções que determinado grupo possui. Nessa perspectiva, podemos dizer que a memória coletiva é construída a partir da seleção de algo que está em evidência e que, sobretudo, revela a identidade daquele conjunto de pessoas. É a partir desse registro que a identidade social torna-se real, se fortalece, marcando sua trajetória no tempo e no espaço.

Partindo do pressuposto de que estamos na Sociedade da Comunicação, composta por diversos subsistemas sociais complexos, que criam e recriam a realidade e ressignificam ideologias à medida que novos dados, atualizados, são consumidos, para que a produção audiovisual torne-se um instrumento facilitador do conhecimento crítico por parte das comunidades e indivíduos com relação ao seu patrimônio deveremos nos atentar ao papel do observador de segunda ordem, aqui no caso a equipe de reportagem, que reflete acerca dos dados fornecidos pelo observador de primeira ordem, o entrevistado, para produção de um conteúdo audiovisual que possibilite a preservação e divulgação do patrimônio.

Muitas vezes, as produções jornalísticas das emissoras de TV refletem o olhar do próprio telespectador, que identifica semelhanças entre a mensagem transmitida e sua forma de ser, pensar, suas crenças e desejos. Ao (re) trabalhar esse sistema de signos presentes no imaginário social em torno da religiosidade e das manifestações populares presentes na Festa do Bomfim, o produtor do conteúdo audiovisual não deve alimentar *videologias* ou preconceitos, muitas vezes implícitos no texto, nas sonoras (entrevistas) e nas imagens exibidas ou até mesmo na supressão delas, mas manter a marca da independência editorial e do compromisso maior com a imparcialidade, tornando-se, assim, um canal aberto à participação democrática permitindo, dessa forma, que a informação sobre a tradição do louvor ao Senhor do Bomfim, bem como sobre as diversas manifestações culturais e sociais praticadas durante a festa, possam ser selecionadas pelo indivíduo codificadas, decodificadas, recriadas e reinventadas, em um processo social de comunicação, até que se tornem significativas para a sociedade.

[...] a memória individual não é possível sem instrumentos, como palavras e idéias, os quais não são inventados pelos indivíduos, mas tomados emprestados de seu meio. Se as imagens do presente fundem-se estreitamente com as lembranças do passado, e se as imagens parecem emprestar às lembranças sua substância, é porque nossa memória não é como uma tábula rasa. Pois tudo que lembramos do passado faz parte de construções coletivas do presente. (Maurice Halbwachs, 1925, p 16)

A afirmação de Halbwachs sobre a memória coletiva é a de que, quaisquer que sejam as lembranças do passado que possamos ter — por mais que pareçam resultados de sentimentos, pensamentos e experiências exclusivamente pessoais, elas só podem existir a partir dos quadros sociais da memória. A necessidade de revisitar o passado, a partir da preservação da memória, faz parte do nosso cotidiano e é de suma importância não apenas para resguardar o patrimônio de um povo, mas também no sentido de valorizar elementos que fortalecem o sentimento de identidade do grupo.

O conjunto de bens e práticas tradicionais que identificam pessoas presentes na Festa do Bomfim como “o povo baiano” é o que Canclini (2008) chama de patrimônio. Para o autor, não nos cabe discutir o repertório de um povo, repleto de simbologias, mas sim preservá-lo, restaurá-lo e difundí-lo para manter a união entre essas pessoas.

Luis Beltrão, pioneiro na fundamentação do estudo científico da Comunicação no Brasil, deu origem, em 1967, ao termo folkcomunicação descrevendo-o, em sua tese de doutorado, como *comunicação em nível popular. E por popular deve se entender tudo que se refere a povo, aquele que não se utiliza de meios formais de comunicação. Mais precisamente: folkcomunicação é a comunicação através do folclore [...]*.

Partindo desse pressuposto e, por tratar-se de um veículo de comunicação de caráter educativo, ao pautar as gravações dos vídeos sobre a Festa do Bomfim, a equipe da TV Olhos d’água preocupou-se em exibir conteúdos audiovisuais que apresentassem a memória e debatessem o papel dos diversos personagens presentes na Festa do Bomfim, ressaltando o caráter social das ações desses agentes e da memória de cada um deles, visto que todas as lembranças relacionadas com a vida material e moral das sociedades, locais e pessoas com as quais trocamos informações e ensinamentos se constituem em uma troca cultural de conhecimentos e experiências.

O Sagrado e o Profano na Festa do Bomfim

Sabendo que as produções audiovisuais das emissoras de TV no Brasil são parte fundamental no processo de produção e circulação de significações e sentidos e pensando a produção de um conteúdo audiovisual educativo que se diferenciasse das matérias factuais produzidas pelas TVs comerciais brasileiras, a equipe da TV Olhos d’água, emissora que segue o conceito de TV Pública, propôs a produção de conteúdo audiovisual que apresentasse a tradição da devoção ao Senhor do Bomfim enquanto patrimônio referencial para a compreensão de aspectos da religiosidade e da cultura e da sociedade baiana.

Antes de analisarmos essas produções, faz-se necessário esclarecer que uma emissora pública não deve existir necessariamente para exibir apenas aquilo que o poder gostaria de difundir, mas sim para ajudar a sociedade a realizar o ideal da imprensa, ou seja, a liberdade de expressão e independência editorial perante o Estado. O seu sentido social e histórico só existe à medida em que ela estiver a serviço da sociedade e dos direitos dos cidadãos, que ali podem questionar e demandar, bem como colher a informação jornalística, conhecimento e difundir as manifestações culturais e sociais.

Ao analisarmos as duas produções audiovisuais sobre Festa do Bomfim realizadas pela TV Olhos d'água - o programa Vamos Nessa, produzido no ano de 2010, e a matéria jornalística, produzida no ano de 2012 – observamos a preocupação da TV Pública em apresentar o culto ao Senhor do Bomfim enquanto patrimônio referencial para a compreensão de aspectos da religiosidade da sociedade baiana.

No programa Vamos Nessa, que utilizou a linguagem popular e buscou a interação direta com diversas pessoas no percurso do cortejo, foi apresentado o culto ecumênico que contou com a presença de representantes de diversas crenças e do bloco de Afoxé Filhos de Gandhi, bloco carnavalesco constituído por homens que, inspirados nos princípios de não violência e paz de Mahatma Gandhi, leva às ruas a tradição da religiosidade africana ritmada pelo ijexá e pela linguagem iorubá. Ao longo de oito quilômetros, foram apresentadas mulheres vestidas de baianas levando água de cheiro para a Igreja do Bomfim, devotos pagando promessa, músicos de bandas percussivas e de fanfarras, que aproveitavam a visibilidade dada à festa para divulgarem seus trabalhos, grupos políticos em busca de maior aproximação com o eleitorado, militantes das mais diversas causas sociais, como o movimento negro, associações protetoras dos animais e sindicatos, que apresentavam naquele espaço suas demandas e insatisfações perante o Estado e a sociedade. Também foram apresentados alguns elementos da cultura baiana, como a culinária, (acarajé, mocotó e feijoada), o pagode baiano (música e dança), as gírias e provocado o debate sobre a possibilidade de proibição da presença de animais na festa, principalmente dos jegues enfeitados, que conduzem as carroças durante todo o percurso.

Já na matéria gravada no ano de 2012, a produção foi feita a partir do material adquirido durante pesquisas em livros, jornais e periódicos, bem como em fotos e vídeos produzidos nos anos anteriores. Nela, a equipe da TV Olhos d'água apresentou a história do Santuário, a Igreja do Bomfim como objeto ex-votivo, bem como o papel dos devotos, religiosos, comerciantes locais, vendedores ambulantes e fixos das escadarias e do entorno

do santuário, que ajudam a perpetuar a tradição do louvor ao Senhor do Bomfim e o ritual que leva milhares de devotos e turistas à igreja para amarrar a fita do santo, com três nós para fazer três pedidos, bem como para depositar seus objetos ex-votivos.

Utilizando-se dos meios e materiais contemporâneos, fazendo uma releitura de linguagens e artifícios visuais presentes na Festa do Bomfim, foi possível para a equipe da TV Olhos d'água, vinculada à UEFS, adquirir informações acerca do cotidiano, se não completas, pelo menos em parte, expostas à todo o momento na Lavagem e veiculá-las nos meios de comunicação para, assim promover o debate social, a preservação da memória e, conseqüentemente, a Educação Patrimonial.

Conclusão

Uma TV Pública não está caracterizada somente por sua condição estatal, mas sim pela veiculação de uma programação voltada para a consciência crítica, ética e cidadã de seu público, com ênfase na educação da sensibilidade e do gosto pelo saber, pela Cultura, pela ação em favor da preservação do patrimônio material e imaterial, pela valorização das culturas locais, diversidade cultural e defesa do ambiente.

Ao produzir conteúdo audiovisual com uma linguagem coloquial e objetiva sobre a tradição do louvor ao Senhor do Bomfim, a TV Olhos d'água possibilitou o intercâmbio de informações, ideias, opiniões dos diversos agentes que atuam no entorno do santuário e na festa popular, à partir do debate em torno da memória social, da religiosidade, das causas populares e das manifestações culturais presentes na Festa do Bomfim. O sagrado e o profano, apresentados nos dois vídeos, revelam não apenas aspectos da religiosidade baiana, mas também o comportamento social e características da identidade daquele conjunto de pessoas que freqüentam o santuário ao longo dos anos ou que apenas se fazem presentes no momento festivo.

Para além da transmissão da notícia sobre a realização dos festejos em louvor ao Senhor do Bomfim, a retomada da história original da construção da Igreja e da devoção ao santo pode ser entendida aqui como uma ação de educação patrimonial. O destaque das ações dos diversos agentes (devotos, membros da igreja, trabalhadores ambulantes, comerciantes e turistas que visitam o santuário) e de como essas ações interferem na perpetuação desta tradição, além de valorizar o papel de cada um, possibilita a compreensão dos fenômenos religiosos brasileiros e do caráter social da memória e fortalece o sentimento de pertencimento da comunidade em torno daquele santuário.

Referências Bibliográficas

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Fronteira da fé: alguns sistemas de sentido, crenças e religiões no Brasil de hoje. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, dez. 2004. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a17v1852.pdf>>. Acesso em: 27/04/12.

BUCCI, Eugênio. É possível fazer televisão pública no Brasil?. *In Revista Novos Estudos*, 2010, p. 5-18. Disponível em <http://novosestudos.uol.com.br/acervo/acervo_artigo.asp?idMateria=1403>. Acesso em: 18/04/12.

BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. *Videologias: ensaios sobre televisão*. São Paulo: Boitempo, 2004.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4 ed. São Paulo, USP, 2008.

CARVALHO. Carlos Alberto de. *Tradição e Milagres do Bomfim*. Salvador. Typografia Bahiana, 1914.

CARVALHO FILHO, José e Freire de. *A devoção do Senhor do Bomfim e sua História*. Salvador, Typografia de São Francisco, 1923.

CHARTIER, Roger. *Estudos Históricos*, 1995/16. Vol.08. *Cultura Popular*. p. 179.

CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. 13 ed. São Paulo: Ática. 2005, p. 138.

BRASIL. *Constituição Federal de 1988*. Brasília: Senado Federal Subsecretaria de Edições Técnicas, 2004.

FOUCAUT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo. 1999. Martins. p.549, p.48-63. 3ª ed.

HALBWACHS, Maurice. (1925), *Les Cadres Sociaux de la mémoire*. Paris, Presses Universitaires de France. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000111&pid>, acessado em 30 de Mar. 2012.

MELO, José Marques de. *Mídia e cultura popular, História, taxionomia e metodologia da folkcomunicação*. São Paulo: Paulus, 2008. – (Coleção Comunicação).

MENESES, U. B. *Identidade cultural e arqueologia*. In: BOSI, Alfredo (org). *Cultura Brasileira: temas e situações*. São Paulo: Ática, 1987. P. 182-190.

Programa Vamos Nessa: Festa do Bomfim [Vídeo]. Produção TV Olhos d'água. Feira de Santana, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2012, 9:40 mim. Color som.

Disponível em <http://tvolhosdagua.uefs.br/2010/vamosnessa_bonfim.html>. Acesso em: 21/04/12.

SANCHIS, Pierre. Religiões Religião – Alguns problemas do sincretismo no campo religioso brasileiro. *In* Sanchis, Pierre (org.) *Fiéis & Cidadãos Percursos de Sincretismo no Brasil*. RJ: Ed. UERJ, 2001.

SANTAELLA, Lúcia. *Cultura das mídias*. São Paulo: Razão Social, 1992.

SUANO, M. *O que é museu?* São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção Primeiros Passos).

Tradicionalidade e devoção marcam os festejos em louvor ao Senhor do Bomfim. [Vídeo]. Produção TV Olhos d'água. Feira de Santana, Universidade Estadual de Feira de Santana, 2012., 6 mim. Color som. Disponível em <http://tvolhosdagua.uefs.br/2012/festa_do_bonfim.html>. Acesso em: 21/04/12.

ⁱ Locutora da TV Olhos d'água da Universidade Estadual de Feira de Santana e pesquisadora do Grupo de Estudos em Cibermuseus da Universidade Federal da Bahia (flavinhamaciel@yahoo.com.br)

ⁱⁱ Graduanda em Museologia pela Universidade Federal da Bahia, bolsista CNPq-PIBIC - UFBA no Projeto Ex-votos das Américas: etapa Américas do Norte e Central (v.bridacandido@gmail.com)

ⁱⁱⁱ Entende-se aqui cultura como uma construção simbólica, na qual o símbolo é qualquer objeto, ato ou acontecimento possuidores de significados para um grupo ou sociedade humana. Sendo uma construção, ela é dinâmica e se transforma com o passar do tempo, fazendo escolhas, trocas, sofrendo influências e interferências de outros grupos.